

Fausto Viana e Felisberto Sabino da Costa (orgs.)

40 ANOS DO PPGAC ECA USP

Edição comemorativa

ISBN 978-65-88640-51-7

DOI: 10.11606/9786588640517

São Paulo
ECA -USP
2021

Organização: Fausto Viana e Felisberto Sabino da Costa
Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges
Revisão de texto: Márcia Moura
Capa: Maria Eduarda Borges

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Q1 40 anos do PPGAC ECA USP [recurso eletrônico] : edição comemorativa /
organização Fausto Viana, Felisberto Sabino da Costa. -- São Paulo : ECA-USP,
2021.
PDF (429 p.) : il. color.

ISBN 978-65-88640-51-7
DOI 10.11606/9786588640517

1. Teatro – Estudo e ensino. 2. Teatro – Pesquisa. 3. Programa de Pós-Graduação em
Artes Cênicas (ECA/USP). I. Viana, Fausto. II. Costa, Felisberto Sabino da.

CDD 23. ed. – 792.07

Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no livro *40 anos de PPGAC ECA USP, edição comemorativa*. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com os organizadores que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo
Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan
Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Escola de Comunicações e Artes
Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli
Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro
Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443
Cidade Universitária CEP-05508-020



***SOBRE TRANSMITIR,
REELABORAR, RECRIAR
A QUATRO MÃOS –
DIÁLOGOS COM A PEÇA
CAMINHOS (1998-2021)***

Luiza Banov e Sayonara Pereira

Entonces ocurre la ceremonia de la iniciación: El alfarero viejo, ofrece al alfarero joven su pieza mejor. Así manda la tradición, entre los indios del noroeste de América. El artista que se va, entrega su obra maestra al artista que se inicia. Y el alfarero joven no guarda esa vasija perfecta para contemplarla y admirarla, sino que la estrella contra el suelo, la rompe em mil pedacitos, recoge los pedacitos y los incorpora a su arcilla.

(Eduardo Galeano)

A transmissibilidade é um tema inerente a qualquer vida presente na terra. Inevitavelmente, herdamos ao longo da vida mais do que bens materiais... são gestos, olhares, escuta, pensamentos, lembranças; assim a vida parece ser tecida por entregas que ocorrem por meio de encontros e também desencontros; com a dança não poderia ser diferente, já que a dança é uma expressão da vida e em sua efemeridade atravessa nosso tempo-espaço pela possibilidade de ser visitada e revisitada nos corpos que dançam. Sobre essa linda citação de Galeano¹, 1996.

[...] remetemo-nos à imensidão das espécies do mundo, cada uma à sua maneira com a conexão da transferência, da passagem, de perpetuar o legado, de transmitir, transmutar, transformar. O mundo se (re)cria nas passagens, em versões atualizadas do mesmo e como que no movimento ligeiro do vapor da água no céu, formas diferentes se alinham propondo novos tempos e desenhos; assim nos ensinam as nuvens em seu eterno e constante movimento. As atualizações da vida, entretanto, não são passíveis de serem salvas ou arquivadas a sua escolha. O que é arquivado não necessariamente é escolhido de forma consciente; é um “autossalvar” automático, impossível de se retornar a versão anterior. (BANOV, 2020, p.201)

Assim, a presente tessitura, a quatro mãos, que propomos realizar, parte de uma travessia entre duas artistas de diferentes gerações. Essa travessia começa efetivamente, no ano de 2004, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); porém, sem ingenuidade, podemos dizer que esse encontro já estava preparado.

Foram nos 19 anos de Luiza Banov que tudo aconteceu; nos 19 anos do retorno de Sayonara Pereira para sua terra natal, o Brasil. O ano de 1985 parece ter sido

¹ GALEANO, Eduardo. *Ventana sobre la memoria* / 1 (Las palabras Andantes) Álbum. Tejidos: Ediciones Tacuabe, 1996. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SMUaH-0-9fk>. Acesso em: 31 jan. 2020.

importante para as duas artistas: ano de nascimento de uma delas, ano de partida da outra para terras longínquas. E foi por meio da dança que elas se conheceram 19 anos depois.

Há algumas questões para se pensar sobre o retorno à pátria após 19 anos morando em um país nórdico, de cultura, clima e costumes bastante diversos dos brasileiros. O que de lá poderia chegar por meio desse retorno? O que da vida, da experiência e da dança em deslocamento contínuo poderia ecoar a partir dos novos encontros que viriam a acontecer?

CAMINHOS (1998) é uma obra de dança que nos propõe algumas dessas reflexões; uma ação prática que impulsionou à reflexão e a novas etapas nos processos criativos e investigativos da dança. Criada e dançada originalmente por Sayonara Pereira em 1998 na cidade de Essen, na Alemanha, local onde a autora viveu por 19 anos (1985-2004). A peça mostra diferentes estações de uma mulher vivendo a sua 3ª década, e passando por algumas de suas memórias, que já estavam inscritas no seu corpo, sempre guiada por imagens, vozes e ritmos oriundos de diferentes culturas.

Em 2017, a obra é revisitada e remontada. Na nova versão, a narradora de **CAMINHOS (1998-2017)** é a bailarina e coreógrafa Luiza Banov, com quem Pereira tem trabalhado desde 2004 em diferentes projetos. Nesse período, Banov desenvolvia seu doutoramento sob a orientação de Pereira no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC-ECA-USP).

Na versão 2017, a ideia de transmissibilidade (PEREIRA, 2018) é pensada como um tipo de “história oral” trazida do passado e repassada para uma bailarina da contemporaneidade. Transmissibilidade como uma maneira de atualizar o passado ao encontro de novos caminhos. Assim a bailarina-coreógrafa Sayonara Pereira (1960) inicia a dança e dá, em cena, espaço para Luiza Banov (1985) seguir a escrita cênica de **CAMINHOS (1998-2017)**.

A transmissão de uma coreografia valoriza, também, o lado histórico, possibilitando que uma obra criada alguns anos atrás seja revisitada, reestudada e trazida à cena. O fato de a obra ser dançada por outro corpo é uma maneira de rejuvenescimento, de atualização, de encontrar outros acentos e ter a possibilidade de impactar novamente tanto o corpo da jovem intérprete, que apreende a obra, quanto o público, que terá a chance de assistir ao vivo uma obra criada há anos.

[...] muito se fala na dança sobre esta relação de “herança”, de transmissão, da passagem de determinadas linguagens e legados. Concebemos que a obra cênica transita pelo tempo assim como acontece com as sociedades primitivas e sua oralidade, comparável, de acordo com Pereira (2018,445), a um tipo de “história corpo-oral”. Observamos que nas culturas de oralidade primária, ou seja, que têm a oralidade como fundamento de seu saber, o conhecimento se dá, predominantemente, pela imitação, “pois, a repetição e o recurso à memória constituem a base dos processos de transmissão do conhecimento” (GALVÃO; BATISTA, 2006, parágrafo 37), desta maneira, evidenciamos que em tais culturas, mediante movimentos rítmicos, todo corpo/indivíduo é convidado a aprender e memorizar o conhecimento. (BANOV, 2020, p. 201-202)

Diante das demandas acadêmicas, escritas, simpósios e congressos, surgiu o desejo de articular **CAMINHOS(2017)** com os espaços reflexivos que a universidade propõe; e obra acabou ganhando um novo formato, o de uma palestra-performance, também chamada de lecture-performance. Na lecture-performance, a apresentação mescla trechos da coreografia original com depoimentos das duas artistas sobre a obra, questões que surgiram durante o processo, bem como imagens de arquivo e interatividade com o público.

No ano de 2020, ainda, no período de isolamento social por causa da covid-19, a obra adaptou-se às necessidades do tempo e foi apresentada sob a forma de *lecture-video-performance*. Além das apresentações, Pereira e Banov produziram alguns textos², e estão abertas para novas versões , da peça, assim que as atividades presenciais sejam reabertas para artistas.

Assim, o texto que apresentamos aqui abre detalhes e curiosidades ocorridas ao longo dos trajetos de **CAMINHOS**, desde sua criação, em 1998, passando pela remontagem, **CAMINHOS(1998-2017)**, pela versão *lecture-performance-2018* e também a *lecture-video-performance-2020*; assim, é possível pensar que esta obra apresenta o tema de si mesma, na sua relação com a vida, e de sua existência.

² 1. *Lecture-performance: encontrando novos rastros a partir da transmissão da peça CAMINHOS-1998*. Disponível em: https://lapettcia.files.wordpress.com/2020/08/sayonara-pereira-e-luiza-banov_-_lecture-performance_-_encontrando-novos-rastros-a-partir-da-transmissao-da-peca-caminhos-1998_2019.pdf. 2. *Graphias da dança em deslocamento: experiência, memória e transmissibilidade*— Tese (Doutorado) defendida no PPGAC-ECA-USP-2020. 3. **ENSAIOS: das experiências com o LAPETT e outros rastros...**— Livre-docência defendida na ECA-USP, 2020.

Coreo – grafando

CAMINHOS(1998) é a terceira peça solo coreografada e dançada por Sayonara Pereira. Surge de uma necessidade da autora estar em cena a partir de um pensamento e de uma escrita pessoal. Desde 1991, a coreógrafa iniciava parcerias com artistas independentes que viviam na Europa, continente onde Pereira viveu entre 1985 e 2004. Com as peças coreográficas *SAUDADES* (1996) e *PULS* (1997), que são projetos solísticos, em que Pereira coreografava e dançava, dentro das necessidades, consideradas naturais de uma artista, com alguma experiência e que começava a desenvolver trabalhos autorais introduzindo especificidades próprias. No caso de Pereira, a coreógrafa começava a se interessar pela possibilidade de testar elementos autobiográficos e se aproximar da ideia das *memórias inscritas no corpo*, conceitos que começariam a emergir, anos mais tarde, nos seus escritos acadêmicos.

Em 1998, então com 38 anos de idade, Pereira cria a primeira versão da obra **CAMINHOS**, pela lente de uma artista brasileira friccionando fatos de sua história com as vivências e estados que ia passando, de maneira muito intuitiva e que, naquela ocasião, vivia fora de sua pátria havia 13 anos, com suas memórias e experiências.

Na região alemã onde a peça foi concebida, a atmosfera artística era bastante influenciada pelas vozes das criadoras e criadores contemporâneos do *German Tanztheater*³. Entre os expoentes da geração dos anos 1940 citamos Pina Bausch, Susanne Linke, Reinhild Hoffmann; dos anos 1950, Christine Brunel, Claudia Lichtblau e Urs Dietrich, entre outros que, naquele período, estavam produzindo muito. Especialmente a cidade de Essen, onde Pereira residia e atuava, era um caldeirão criativo que ecoava pelas vizinhanças. E os artistas da chamada cena livre, ou cena independente, recebiam, por meio de editais anuais, incentivo das fontes regionais e municipais para desenvolver novos projetos e dar continuidade às suas atividades artísticas.

³ Tanztheater (definição reduzida): movimento de dança que ocorreu na Alemanha a partir de 1932, cuja característica é a transcendência do balé clássico utilizando-se da dramaticidade do teatro. Seu precursor foi o coreógrafo e pedagogo Kurt Jooss (1901-1979) que, nos seus preceitos, pretendia lapidar as qualidades já existentes em cada aluno/intérprete para que, a partir de novas técnicas estudadas, eles se desenvolvessem e se especializassem, mas sem perder suas características e qualidades individuais. Entre seus discípulos mais conhecidos que transitam na contemporaneidade, encontramos as coreógrafas Pina Bausch (1940-2009) e Susanne Linke (1944), entre outros (PEREIRA 2020, p.14).

Assim, o solo **CAMINHOS** é resultado desse momento criativo de uma artista da cena independente da região da Renânia do Norte-Vestefália (NRW)⁴. Como concebido originalmente, nos apresenta um horizonte reflexivo em torno dos processos de deslocamentos e criação da dança no tempo/espço de nossa sociedade. A peça faz referência às memórias de uma mulher que vive sua terceira década, guiada por imagens, vozes e ritmos derivados de diferentes culturas, incluindo os de sua terra natal, o Brasil. Notadamente, a trilha sonora traz composições ou interpretações simbólicas de Elis Regina, Villa-Lobos e Marlos Nobre, entre outros autores, e compõe uma paisagem sonora eclética, uma característica encontrada em todas as obras assinadas por Pereira. **CAMINHOS** estreou em 8 de maio de 1998 no teatro da Fabrik Heeder, na cidade de Krefeld, na Alemanha, e teve a subvenção do Kulturbüro (Secretaria de Cultura) de Essen.

Cenas da criação I

A obra **CAMINHOS**⁵ é composta por 12 quadros:

Cena I – Abertura – Música: *Aquarela do Brasil*, na voz de Elis Regina

(Compositor: Ary Barroso)

Cena II – Silêncio – Sem música

Cena III – Rapidinha – Música: *White Man Sleeps*, Parte V (Original, Unrevised Version), por Kronos Quartet, em *Pieces of Africa* (Compositor: Kevin Volans)

Cena IV – Tambor I – Música: *Tambores* (autor desconhecido)

Cena V – Semear – Música: *Durme Querido Hijico* (Álbum: Música do Mundo)

Cena VII – Afegã – Música: *Mon renne bien-aime* (Álbum: Música do Mundo)

Cena VIII – Tambor II – Música: *Tambores* (autor desconhecido)

Cena IX – Villa-Lobos – Música: *O Trenzinho Caipira*, *Bachianas Brasileiras* 4º movimento da n° 2 (Compositor: Heitor Villa-Lobos)

Cena IX.a – Equilibrista – Silêncio

⁴ NRW é uma das regiões mais densamente povoadas da Europa cuja capital é Düsseldorf. Entre suas cidades mais importantes estão Boon, Colônia, Essen e Dortmund. Por muitos anos, uma das maiores riquezas era a extração de minério de carvão. O Rio Ruhr atravessa várias cidades até desaguar como afluente da margem direita do rio Reno, na cidade de Duisburg.

⁵ Links da 1ª versão de **CAMINHOS** (1998) Parte A: <https://youtu.be/jGL3chDC00Q>.

Parte B: <https://youtu.be/-Xd39-N xtM>. Filmagem e edição: Heide Marie Härtel, do Deutsches Tanzfilminstitut Bremen, Alemanha.

Cena X – Capoeira – Música: *Dirim dim dom* / Capoeira Senzala de Santos (Álbum: Música do Mundo)

Cena XI – Rhythmetron – Música: *Rhythmetron* (Compositor: Marlos Nobre)

Cena XII – Lanterna – Música: *Recortes da música* (Compositor: Marlos Nobre/Thomas Dickmeis)

Em 2016, Sayonara Pereira apresenta o vídeo da peça **CAMINHOS** na sala de aula, em uma disciplina que estava ministrando no departamento de artes cênicas da USP. Seu colega, o professor Zebba Dal Farra, disse a ela, após assistir o vídeo: *É muito forte a peça. Gostei! Parece uma mulher que está no exílio recordando fatos de sua vida.* Aquela consideração atentou a artista encorajando-a a transmitir **CAMINHOS** para uma intérprete com quem tivesse afinidade e que pudesse se interessar pela empreitada.

Para Pereira, sua pesquisa teórica e também os processos criativos de obras cênicas com temáticas contemporâneas, já há alguns anos, são inspirados nas memórias gravadas e inscritas no corpo do intérprete cênico, fatos da própria biografia, a análise de gestuais e, mais recentemente, a transmissibilidade; todos esses temas em associação com elementos encontrados no *German Tanztheater*.

Pereira (2020, p.97), relata:

*Tive que criar coragem para telefonar à Luiza Banov e perguntar se ela gostaria de dançar **CAMINHOS**. Assim, sem proposta financeira, sem data de estreia, simplesmente como um rito de passagem entre “mestre e aprendiz”. Eu digo coragem, também, para tirar a obra do vídeo que estava em alguma prateleira da minha casa e dar nova vida para ela”. (PEREIRA, 2020, p: 97)*

E ainda:

Sempre me emociono ao pensar que conheci Luiza Banov quando ela tinha 19 anos e sua idade era igual à concretude dos 19 anos que eu havia passado fora do Brasil, em Essen. São coincidências que poderíamos não ter prestado atenção. Luiza Banov também conta que, no dia que foi ao primeiro encontro que seria o início do projeto prático para o meu doutorado⁶, em 2004, surgiu outro compromisso e que ela até sentiu vontade de participar, mas no último instante voltou atrás e veio para o ensaio da peça ES-BOÇO (2004-2007), na UNICAMP. E eu só posso nos felicitar por, desde então, termos tido uma parceria profissional que se mistura com laços de amizade e afetividade. A

⁶ PEREIRA, Sayonara. *Rastros do Tanztheater no Processo Criativo de ES-BOÇO* – Espetáculo cênico com alunos da UNICAMP. São Paulo: Annablume, 2010.

vivacidade da Luiza Banov sempre me conectou, são fragmentos de juventude misturados com a carreira de profissional cênica, pesquisadora, diretora de núcleo de pesquisa, chefe de família e mãe presente, criativa e “onipresente”. Tudo isto em uma pessoa só. Luiza Banov é inspiradora e inspiração, alegria, diversão, amiga, colega e lidera várias ações ao mesmo tempo, de uma maneira muito peculiar e cheia de afetividade. A sua curiosidade deságua em mil frentes, mas a sua curiosidade corporal a instiga sempre mais um pouquinho. (PEREIRA, 2020, p. 97)

Em entrevista à Pereira em 2017, durante a remontagem da peça, Luiza Banov conta:

Acho que eu sempre tive interesse por isso, por percorrer caminhos, caminhos que já foram trilhados e que já foram experimentados. No meu mestrado⁷, eu falo dessa questão da fragilidade de uma vida que não se viveu, me dá sempre essa sensação de fragilidade, porque parece que eu nunca vivi aquilo, mas você tem o desejo de entrar em contato com algo que você desconhece. Esta experiência é um pouco esse lugar. Eu nunca tinha tido uma experiência de fato com uma remontagem dessa maneira, ainda mais na presença da autora. Eu brinco com a Sayô⁸, porque eu estava esperando que isso acontecesse um dia. Não sei explicar exatamente, mas era uma sensação dentro do meu coração que a gente iria fazer algo juntas. Então quando a Sayô me ligou para fazer esse convite, parecia a confirmação de algo que eu pressentia que iria acontecer.

E assim, ao aceitar participar da nova versão de **CAMINHOS** não foi diferente. Luiza Banov foi descobrindo muitos acessos para construir e dar voz à obra no seu corpo e, também, respeitando o tempo, as incertezas, e as novas propostas que foram e vêm surgindo sempre que as duas artistas se preparam para uma apresentação.

A coreógrafa Sayonara Pereira comenta sobre sua emoção ao ver Luiza Banov em cena: “Seu dançar em **CAMINHOS** é comovente. É forte e frágil ao mesmo tempo, é renovado. Era talvez o meu maior medo saber se a peça era ou não datada. Hoje isso importa bem menos para mim e até ousou dizer, para nós”. (PEREIRA, 2020, p.97)

⁷ BANOV, Luiza. *Dança Teatral: reflexões sobre a poética do movimento e seus entrelaços*. São Paulo: Annablume, 2015.

⁸ Sayô é o modo como Sayonara Pereira é chamada no meio artístico profissional, e entre os amigos.

Uma nova versão⁹

Na nova versão, como já foi anunciado, a narradora de **CAMINHOS** é a bailarina e coreógrafa Luiza Banov, com quem Pereira tem trabalhado desde 2004 em diferentes projetos, e assim é aberto um diálogo que transita entre as palavras-chave: transmissibilidade, tradução, recriação (de movimentos trazidos do passado e repassados para uma bailarina da contemporaneidade). Transmissibilidade como um tipo de “história corpo-oral”, buscando atualizar o passado ao encontro de novos **CAMINHOS**.

A ideia de que corpos diferentes podem dialogar com o mesmo material de trabalho de maneira própria faz desse processo de passagem não a reconstrução de um “original” ou a citação da obra, mas sim um dinâmico e tênue diálogo entre passado, presente e futuro.

O pretérito é revisitado, reestudado e trazido, inicialmente, em forma de memória inscrita no corpo, e poderá reverberar na cena. A atuação se atualiza, encontra outros acentos e tem a possibilidade de impactar novamente tanto o corpo que re-apreende a obra, quanto o público, que tem a chance de assistir ao vivo uma lembrança reinaugurada. (PEREIRA, 2011, p.4)

Os ensaios para a remontagem aconteceram na sede do Núcleo Dédalos¹⁰, na sala de ensaio o vídeo foi, inicialmente, norteador para a reconstrução das células coreográficas, mas não somente. Ao longo dos ensaios, Pereira trazia, também, elementos de sua memória, somava arquivos de suas anotações do caderno da artista e trabalhava o material com Luiza Banov, tentando deixar a nova intérprete o mais à vontade possível para dialogar com o material coreográfico.

Parece-nos ainda muito simbólico, neste trabalho, o fato da passagem do repertório ter sido “ao vivo”: autora/intérprete da obra e nova intérprete, juntas.

⁹ Link da versão *Caminhos-2017*. Disponível em: <https://youtu.be/PRussoETkhc>. Acesso em: 20 out 2021.

¹⁰ O Núcleo Dédalos, de/em movimento é um espaço de criação e pesquisa que se dedica a explorar o movimento e suas intersecções, estabelecendo um diálogo com as formas contemporâneas de fazer arte. Desde 2010, tece enlacs entre pesquisa, criação, repertório e processos educativos nas artes corporais no interior do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://nucleodedallos.art.br/>.

Compreendemos essa situação como o trânsito secreto de conhecimento de uma caligrafia dançada ou da transmissibilidade, via corpo-oralidade e do metafórico dos movimentos.

Inicialmente, como autora da peça, Pereira deu abertura para que o trabalho pudesse decantar no novo corpo, espaço e tempo, sem exigência de precisão ou perfeição das formas. No entanto, com o decorrer dos ensaios, a jovem artista começou a encontrar os movimentos no seu corpo e dar precisão ao tempo da sua gestualidade. Quando as artistas alcançaram esse estágio mais avançado, a coreógrafa começou revisitar os lugares da criação original, reestabelecendo algumas conexões íntimas com os movimentos e permitindo novas referências poéticas para que Luiza Banov pudesse se apropriar e construir as “suas” cenas. Foi um trabalho de artesanaria e profundidade.

A peça, composta por doze cenas, foi reapresentada com a presença da artista Sayonara Pereira na primeira cena, como um prelúdio, e na pausa que já existia originalmente, entre a primeira e a segunda cena, as artistas trocam de papéis sem que o público se dê conta. Na verdade, esta ação parece proposital na versão original, como se a autora previsse que, anos depois, só iria estar em cena na abertura da peça, mas os tempos de todas as cenas foram mantidos. Apenas pequenas mudanças foram realizadas ou ajustadas para o novo corpo. (BANOV, 2020, p. 51)

PEREIRA (2020, p. 99) conta ainda:

*A grande surpresa da versão de 2017 de **CAMINHOS** é que eu danço a Cena 1 - Abertura como originalmente fazia. No final da cena, quando retorno ao ponto inicial para tirar o vestido-caminho, Luiza Banov, que também está no palco, de costas para a plateia, segue para a próxima cena e para as seguintes, sucessivamente. Quem assiste pela primeira vez acredita que a peça foi realmente composta para duas bailarinas. Para mim como intérprete e autora é uma sensação ímpar: “passar o bastão” em cena aberta para a jovem dançarina, que irá ecoar os seus movimentos por novos “caminhos”. (PEREIRA, 2020, p. 99)*

Em 2017, na fase de ensaios, Pereira perguntou à Luiza Banov: “Que desdobramentos, como intérprete, você acha que serão possíveis com **CAMINHOS?**”.

Sua resposta:

A possibilidade de apresentar algo histórico sendo transmitido, de forma tão especial, de sua fonte de origem é muito profundo... alimenta a alma! A dança para existir deve ser feita e atualizada, quase como um ritual para que não se

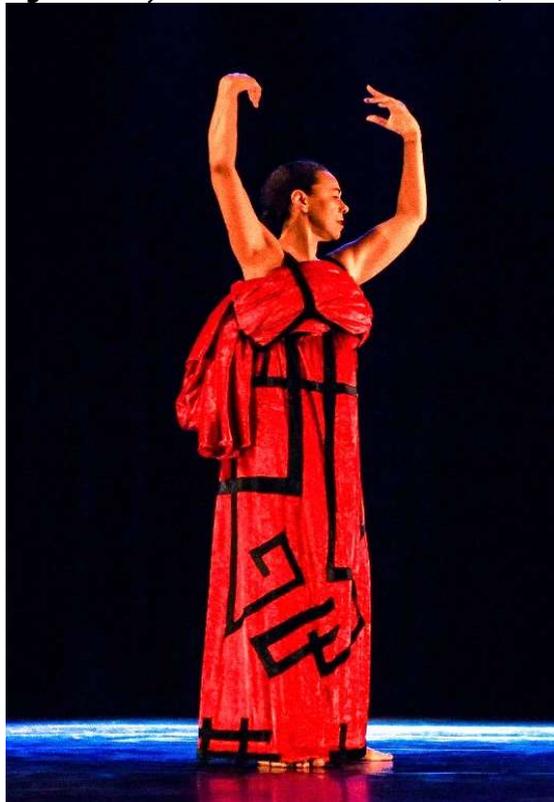
perca no tempo. Como intérprete, poder dançá-la é uma oportunidade de falar sobre estas danças que caminham como guia das novas gerações... O passado, o que foi, sempre sustenta o hoje, são os caminhos de desenvolvimento da sociedade. Olhar para o passado é sustentar o presente, permitindo atualizar conhecimentos vividos, fortalece o que somos hoje e como poderemos ser amanhã. (BANOV, em conversa ao longo dos ensaios de Caminhos, 2017)

Figura 1 - Luiza Banov em CAMINHOS (2017)



Theatro Laboratório, ECA-USP, 2017. Foto: João Maria.

Figura 2 - Sayonara Pereira em CAMINHOS (2017)



Theatro São Pedro PoA, 2017. Foto: Claudio Etges.

Lecture-Performance CAMINHOS

Em 2018, após terem feito várias apresentações do solo CAMINHOS ao longo de 2017, as artistas pensaram em desdobrar o formato *performance* e realizar um diálogo entre a teoria e a prática, para que conversassem também sobre as suas pesquisas. A proposta que deu um *start* à nova versão foi a ideia de realizar uma grande apresentação cênica que incluísse recortes da peça **CAMINHOS (1998-2017)** dançados¹¹, momentos de fala com exposição teórica e reflexiva, e a criação de jogos cênicos que incorporassem e necessitassem da presença de pessoas da plateia para a sua realização. Nos jogos, alguns dos expectadores seriam convidados a adentrarem o espaço de ritualização da cena, para que dialogassem, experimentassem e refletissem com e sobre o material inicialmente observado no corpo das duas intérpretes.

E assim, com a *lecture-performance*, todas as ações comentadas no parágrafo anterior foram costuradas com informações teóricas que partiam de questões distribuídas às pessoas da plateia para que participassem, lendo-as em voz alta. Ou, então, as informações são citadas pelas artistas a partir de observações de outros autores, e/ou são comentadas particularidades referentes ao primeiro (1998) e ao último processo de criação da peça (2017), além da projeção de alguns slides com fotos das duas intérpretes realizando a mesma cena em períodos diferentes.

Essa proposta de apresentação escolhida pelas artistas é denominada *palestra-performance* ou *lecture-performance*, e tem sido utilizada por diferentes artistas e pesquisadores europeus e norte-americanos, ao longo do século XX e XXI.

A dançarina e coreógrafa Yvonne Rainer (1934) e o artista visual Joseph Beuys (1921-1986), por exemplo, serviram-se de *lectures-performances* para apresentar seus trabalhos com o intuito de borrar as linhas de separação entre a arte e o discurso sobre a mesma, e, certamente, as pesquisas apontam que tinham o intuito de ultrapassar barreiras de disciplinas, de arte e vida.

Para a professora Claudia Jeschke, “[...] o formato de *palestra-performance*

¹¹ Escolhemos seis cenas de dança emblemáticas de **CAMINHOS**: Cena 1 - Abertura (Sayonara); Cena 2 - Silêncio (Luiza Banov); Cena 3 - Rapidinha (Luiza Banov); Cena 5 - Semear (Sayonara & Luiza); Cena 8 - Villa Lobos (Luiza e Sayonara); Cena 12 - Lanterna (Luiza).

suporta formas atuais de se envolver com o conhecimento da dança. [...] evidenciam a combinação do erudito e o discursivo com o artístico e estético e ao mesmo tempo introduz uma dimensão crítica e autorreflexiva para o que está sendo performado” (JESCHKE, 2012, p.4-12).

Corroborando com esse pensamento, as pesquisadoras encontram em outra autora uma observação: “A palestra e a performance apresentam-se, em seus modos de comunicação, como coreografias e cenografias de fala e de comunicação: um espaço se abre no qual algo se torna evidente precisamente através de camadas de falas que demonstram e de demonstrações que falam” (BRANDSTETTER, 2010, p.45-61).

As observações das duas pesquisadoras estrangeiras citadas apoiaram e encorajaram Pereira e Banov a colocar em prática o formato *palestra-performance* em **CAMINHOS** nas suas próximas participações em congressos, seminários, palestras etc., como uma opção atualizada para que elas dessem eco aos desdobramentos que essa pesquisa está tendo.

Lecture-Vídeo-Performance **CAMINHOS**

Em São Paulo, no dia 13 de março de 2020, por meio de anúncio feito na televisão pelo governador do estado, o senhor João Doria, é decretado que todas as atividades de ensino em escolas públicas e universidades estaduais, a partir de 17 de março, sejam interrompidas como medida de segurança para conter a disseminação do vírus SARS-CoV-2, ou covid-19. Da mesma forma, cinemas, teatros, igrejas, estádios de futebol e outros lugares onde houvesse aglomeração de pessoas seriam fechados até segunda ordem, para evitar o ciclo de contaminação do coronavírus.

Com uma medida dessas, todos os planos e possíveis oportunidades que as pesquisadoras tivessem para retornar às apresentações de **CAMINHOS** no formato *Lecture-Performance*, que estava sendo o mais desejado pelos programadores e instituições parceiras, foram por água abaixo.

Muitas vezes, impossibilidades iniciais são trampolins para que novas idéias ou reflexões sejam criadas. Assim, as pesquisadoras se propuseram a criar uma nova

versão para a *lecture-performance* **CAMINHOS**, transformando-a em uma palestra/aula que pudesse apresentar recortes de vídeos, e outras possíveis ações. Desse modo, a *Lecture-Vídeo-Performance* acontece inicialmente pela necessidade imposta pelos cuidados contra a covid-19. Obviamente, no início da pandemia o ambiente virtual pareceu às pesquisadoras um lugar completamente desconhecido. Diante da prática da dança que elas realizavam, a virtualidade nunca coube como auxílio para criação ou composição de cenas; mas o momento propunha novos espaços, e as artistas decidiram se aventurar por novos mares.

As pesquisadoras contaram com os talentos de integrantes do LAPETT¹², como o artista multimídia Ü von Haus, para editar algumas cenas dos vídeos de **CAMINHOS**. Outros integrantes acompanhavam os ensaios para participarem de algumas ações que contariam com a participação de público. De ensaio em ensaio, de ajuste em ajuste, as pesquisadoras conseguiram delinear a nova versão da peça **Lecture-Vídeo-Performance CAMINHOS** para a plataforma Zoom, que ficou assim:

Cenas da criação II

I Parte – Vídeo colagem com as danças: Abertura (Sayonara Pereira), Silêncio (Luiza Banov) e Rapidinha I (Luiza Banov). O vídeo utilizado por Ü von Haus para fazer a vídeo-colagem foi a versão de 2017. Duração aproximada de 3'29".

II Parte

a. Sayonara convida o público presente para uma experiência com a caligrafia e alguns princípios encontrados na peça. Dessa maneira, ensaia com o público presente, que está na sua grande maioria com a câmera aberta, uma pequena sequência de movimentos de braços e tronco, que se desenvolvem em quatro

¹² Laboratório de Pesquisa e Estudos em Tanz Theatralidades da ECA-USP-CNPq, coordenado por Sayonara Pereira. Suas ações, que iniciaram em 2011, dialogam com o ensino e as pesquisas acadêmicas, tanto na graduação como na pós-graduação, no departamento de Artes Cênicas da ECA-USP. E se realizam por meio de aulas expositivas, seminários, oficinas de técnicas de danças - cênicas com o objetivo de aperfeiçoar os integrantes dentro dos paradigmas do German Tanztheater, sempre em diálogo com diferentes manifestações artísticas da contemporaneidade. Entre as atividades em destaque, além de pesquisas acadêmicas, o grupo tem realizado publicações, apresentado peças coreográficas, e exercitado práticas com outras comunidades externas à Universidade. Integram o LAPETT estudantes de graduação, pós-graduação e profissionais das artes da cena. As reuniões práticas do grupo, com aulas e ensaios-pesquisa, se realizam semanalmente, e as teóricas, com os pesquisadores-orientandos são agendadas mensalmente, e acontecem no departamento de Artes Cênicas CAC/ECA-USP.

etapas.

b. Luiza segue ampliando a experiência e oferece uma nova sequência, com uma maior exigência de coordenação e diferentes velocidades durante a execução. Por último, adiciona uma música e todos os participantes, ao mesmo tempo, realizam a sequência de Sayonara + a sequência de Luiza algumas vezes.

Pudemos perceber uma grande alegria e contentamento nos participantes. Alguns sorriam de alegria por estar conseguindo executar, outros pelas suas dificuldades. O importante é que a maioria das pessoas tentou participar da experiência, e os feedbacks que as pesquisadoras receberam foi de gratidão. Muitos participantes comentaram que não se moviam desde o início da quarentena no Brasil.

III Parte – As pesquisadoras propuseram considerações para o público sobre **CAMINHOS** a partir das palavras-chave: origem; corpo-oralidade; convite para Luiza participar da remontagem; transmissibilidade.

IV Parte – As artistas apresentaram mais um vídeo-colagem de dança: **Semear**. Nesse vídeo, Ü von Haus combinou cenas de quatro diferentes vídeos, respectivamente, o vídeo de 1998 (Sayonara), o vídeo de 2019 (Luiza e Sayonara), o vídeo de 2017 (Luiza), e terminou com alguns segundos de outro que as pesquisadoras encontraram no site do TUSP (Teatro da Universidade de São Paulo), relativo à apresentação em *II. Ensaios Coreográficos*, de outubro de 2019, na qual as duas intérpretes aparecem lado a lado dançando a mesma cena.

V Parte – Questões. Luiza Banov envia por *chat* para um dos participantes a primeira questão, e é pedido para que a pessoa a leia em voz alta para todos:

“Quando uma obra original é transmitida para outro corpo, que possui outra história e memórias corporais, esta obra irá se modificar e se atualizar?”

Depois de lançada a questão, eles começam a falar sobre o assunto, a partir das percepções que foram tendo durante a fruição da *lecture-vídeo-performance*. Luiza Banov e Sayonara Pereira sempre entram no debate e sublinham alguns pontos específicos. A pesquisadora Gabriele Klein (2018) dá suporte à discussão por meio da citação:

[...] a transmissão não é somente a transferência do mesmo objeto ou conteúdo. Ela é muito mais um procedimento de tradução, submetido à relação paradoxal entre identidade e diferença: a transmissão deve transportar o idêntico, mas só pode fazer isso através da produção simultânea da diferença e justamente esse campo de tensão entre identidade e diferença é que faz com que a transmissão seja cultural e artisticamente relevante. (KLEIN, 2018, p 397-398)

A segunda pergunta também é enviada pelo *chat* e lida por outra participante:

“Como o outro corpo perceberá as intenções dos movimentos, da musicalidade, do manuseio com os adereços da obra, além do uso do tempo e do espaço?”

Os participantes observaram que as duas intérpretes possuem tipos físicos bem diferentes, assim seus corpos, pelas diferenças de estatura, já assinalam pequenas variações na movimentação prevista em **CAMINHOS**, e também com o manuseio dos enormes tecidos que são *partners* da intérprete durante toda a obra.

Luiza Banov ainda pontua sobre a exigência, da coreógrafa, para que a musicalidade fosse cumprida em cada uma das cenas. E Pereira comenta que não teve pressa durante a transmissão da peça, e acredita ter deixado Banov primeiro conhecer a linguagem coreográfica com o seu corpo, e somente quando ela já havia compreendido as diferentes nuances e intenções dos movimentos encontrados na peça, é que algumas decisões foram tomadas para inclui-las nessa versão atualizada.

Em uma publicação de 2019, as autoras discorrem:

[...] É possível pensar que a transmissão de uma obra cênica seja comparável a um tipo de “história corpo-oral”, pela fluidez de sua forma de apreensão.

[...] O fato desta obra ser dançada por outro corpo, é uma maneira de rejuvenescimento, de atualização, de encontrar outros acentos e ter a possibilidade de impactar novamente tanto o corpo da jovem bailarina que apreende a obra, quanto o público que terá a chance de assistir ao vivo uma obra que foi criada talvez antes do nascimento de alguns (BANOV e PEREIRA 2019, p.316).

VI Parte – Vídeo colagem com a dança **Villa-Lobos**. Neste vídeo, Ü von Haus combinou cenas de dois diferentes vídeos, respectivamente, o de 1998 (Sayonara) e o de 2017 (Luiza). O trabalho de Ü von Haus foi, por si só, uma obra de arte. Foi como se ele tivesse recortado e colado as imagens. Cada uma das bailarinas dança alguns segundos e a outra segue a coreografia, e isso acontece do início ao fim da dança. O

resultado é incrível. Deixa o público curioso sobre o que irá acontecer a cada momento.

VII Parte – Questões finais: o processo de criação, *slides* do processo (1998) e do caderno da artista (1998), curiosidades sobre a obra e a transmissibilidade, abertura para conversa com o público. Depois das perguntas que algumas pessoas da plateia fizeram e que as artistas-pesquisadoras responderam, outras questões ficaram abertas, ou geraram novas indagações. Uma pessoa questiona se elas não gostariam de trocar tudo: trilha, figurino, adereços. Ou se não poderia ser feito em outro lugar, fora do palco.

Pereira, então, reafirma para o público que a ideia inicial foi tirar o vídeo/a obra **CAMINHOS** de um arquivo virtual e passar para um corpo jovem e, assim, atualizar a obra, oportunizar que pessoas que vivem na contemporaneidade assistam à peça. A artista e pesquisadora Luiza Banov tem trabalhado com Pereira há mais de 15 anos, como já foi comentado anteriormente. Pereira diz ainda que: *Luiza Banov é uma artista que eu respeito e que respeita o meu trabalho. Além de tudo, temos um gosto parecido esteticamente para o que queremos pesquisar, ou mostramos para a outra novos caminhos a serem percorridos. Relembro, também, para o público que se seguirmos a trajetória de CAMINHOS teremos: 1. obra inédita (1998), 2. passagem para Luiza Banov (2017), 3. versão lecture-performance (2018), 4. versão lecture-vídeo-performance (2020), e intuimos que outras versões ainda poderão acontecer.*

VIII Parte – A plateia agradece a participação das artistas-pesquisadoras, e as duas recordam que terminaram a *lecture-vídeo-performance* bastante instigadas pelo que conseguiram mover e alcançar nas pessoas, virtualmente.

Com a continuação da pandemia, ao longo de 2020, e com a impossibilidade de encontros presenciais, as artistas-pesquisadoras continuaram participando de eventos on-line com as *Lectures-Vídeo-Performances*. Três exemplos diversos e ricos foram, respectivamente, a participação no SID, on-line, Simpósio Internacional de Dança de Belo Horizonte; no 4º Seminário de Arte e Educação: Arte em tempos de relações remotas da Universidade Federal do Acre (UFAC), e na disciplina Metodologias de Pesquisa ministrada no PPGAC-ECA-USP. A participação e interação dos alunos-pesquisadores foi impulsionadora para a investigação continuar se desenvolvendo.

Comentários de pesquisadores participantes

*A intermediação entre reflexões, transmissão de gestos e a possibilidade de improvisação encaminhou o corpo para aquilo que, em minha opinião, seja o ponto alto da palestra-vídeo-performance: o espaço de encontro entre fala, gesto e vídeo- montagens. Estas últimas apresentam filmagens de Pereira dançando “**CAMINHOS**” em sua carreira na Alemanha e Banov nas remontagens da peça no Brasil. A edição de Ü von Haus salienta os aspectos de origem e momento de transmissão de uma obra artística, quando corpos que, aparentemente são tão diferentes e distantes temporalmente, unem-se na atualização do gesto. Daqueles que dançam em si e entre si. (Robson Lourenço, depoimento Palestra-Vídeo-Performance: CAMINHOS, 18 jun. 2020)*

A ideia de colocar os vídeos recortados traz uma “confusão” positiva para o espectador que não sabe mais quem é quem. Os cortes mudando o ângulo do vídeo, a isso estamos acostumados, mas aqui os cortes nos levam para outro tempo. Assistimos a um espetáculo atravessando o tempo, através da mídia, que captura a imagem naquele momento. Mas quando, para o trabalho de vocês os cortes são editados, eles criam trânsito. E ligada a esta captura da imagem e a continuidade das cenas, encontramos o que Laban chama de notação. (Francisco Lima Dal Col, relato de público, Lecture-vídeo-performance, nov. 2020)

Tanto Banov como Pereira desejam atualizar a última versão dançada em 2019, e incluir novas experiências que vivenciaram neste longo período em que as apresentações ao vivo continuam ainda raras.

O que ainda poderá vir a ser... pequena narrativa

Caso se pensasse em 1998 uma maneira de remontar **CAMINHOS**, certamente seria por meio de reestudar a peça para novas apresentações no palco italiano, lugar para onde a peça foi inicialmente planejada. Podemos dizer também que, em geral, as obras criadas por coreógrafos para um artista ou para um grupo de artistas passam a fazer parte do repertório do grupo, da forma como foi originalmente concebida. **CAMINHOS (1998)**, de certa maneira, sai das regras, que são normalmente estabelecidas se mantém no repertório, mas vai desenhando novos percursos. Atualiza-se quando é dançada por uma nova intérprete, ou seu formato solo é transformado em duo em 2017. A partir de 2018, ganha nova roupagem quando as

intérpretes criam a versão *lecture-performance* e assim podem também, em eventos acadêmicos, exemplificar e abrir para o diálogo a *prática como pesquisa*, modo que move as pesquisas que estão desenvolvendo atualmente. De 2020 até agora, a *lecture-vídeo-performance* parece ser uma das maneiras mais eficazes e possíveis para que Banov e Pereira continuem atuando juntas e atualizando as suas pesquisas.

Nas palavras de PEREIRA:

Só posso agradecer por tudo que **CAMINHOS**, nos seus quatro diferentes formatos me deu e tem me dado ao longo destes 23 anos. Escrevendo este texto e manuseando todo o material gráfico referente à obra, percebo as diferentes camadas que este trabalho está constituído além do processo de criação da obra em si, a pesquisa que se tornou e todos os afetos e afetividades que estão envolvidos. Resta apenas saber que surpresas ainda estão guardadas para **CAMINHOS**. (PEREIRA 2020, p.113)

Sim. Que surpresas serão estas? Que questões ainda poderão ser respondidas? Que novas situações esta dupla de artistas-pesquisadoras ainda poderá gerar?

Diante das múltiplas possibilidades que encontramos ao longo dos trajetos de **CAMINHOS**, concomitantemente às demais pesquisas que vêm sendo realizadas, tanto práticas como teóricas, no LAPETT como também no Núcleo Dédalos, consideramos que a ideia elaborada de “deslocamentos” (BANOV, 2020) dos processos criativos em dança nos inspiram para seguir adiante com esta obra.

Dessa maneira, almejamos nos jogar novamente ao incansável processo, remontando, desmontando, deslocando **CAMINHOS (1998)**, **CAMINHOS (1998-2017)**, **CAMINHOS Lecture-Performance** e **CAMINHOS Lecture-video-performance**; suas peças, pedaços, passos, gestos, partituras e, assim, ressignificando e atualizando os trajetos desta pesquisa. Aliás, esta escrita não deixa de ser um deslocamento e mais uma versão do processo, para que nossas sensações como artistas, pesquisadoras, autoras possam atravessar a quarta parede do papel, da tela... enfim, dos diferentes meios de difusão que estão sendo usados nestes tempos para que vivências sejam expressadas.

E para (in)concluir este fluxo de pensamentos acho que nosso encontro fortuito, que aconteceu neste século, faz de Luiza Banov uma herdeira artística do meu trabalho, sabendo que herdeiros reinterpretem, tomam nas mãos os fatos, as peças, os acontecimentos, e recriam, reescrevem o que têm escutado do outro. Eu sinceramente desejo que os meus herdeiros artísticos voem alto, adquiram novas experiências, criem seus

territórios de atuação com novas raízes. E ficarei feliz se puderem visitar o LAPETT trazendo as novidades de suas pesquisas, para que o grupo atual possa conhecê-las e quiçá as incorporem nas suas/nossas. Desta forma, seguiremos nos desenvolvendo, atualizando e nos fortalecendo como seres humanos e artistas-pesquisadores. (PEREIRA 2020, p.99)

Curiosidades sobre a Ficha Técnica

A **trilha sonora** de **CAMINHOS** é uma seleção de Sayonara Pereira, e a sonoplastia do alemão Thomas Dickmeis (1965), com quem Pereira trabalhou entre 1986 e 2004. Para a remontagem, a coreógrafa esteve na cidade de Wuppertal em 2017, onde Dickmeis vive, e atualizaram a trilha.

O **figurino** e a **cenografia** são da artista visual alemã Sigrid Lachnitt (1956), com quem Pereira trabalhou entre 1994 e 2004. Em 2016, os tecidos foram “resgatados” do ateliê de Lachnitt, em Essen, especialmente para a remontagem e enviados pelo correio para São Paulo.

O **desenho de luz** da peça foi, originalmente, criado pelo italiano Franco Marri (1955), que assinou outros trabalhos do repertório de Pereira, no período em que este viveu em Essen; mas na versão de 2017, o desenho de luz foi adaptado de acordo com os locais das apresentações. Inicialmente, Afonso Costa, nosso aluno na graduação em Artes Cênicas – CAC-ECA-USP e, por alguns períodos, integrante do LAPETT, “traduziu” o desenho de luz a partir do vídeo de 1998 e, na sequência, diferentes artistas têm adaptado e operado a luz, entre eles: Leticia Oliveira, Luana Joya, Ametonyo Silva e Maira do Nascimento, todos alunos/ex-alunos do CAC, e integrantes ou ex-integrantes do LAPETT.

As **filmagens** foram feitas por Heide-Marie Härtel, do Deutsche Tanzfilminstitut-Bremen em 1998; na ocasião, a coreógrafa esteve junto editando na sede do próprio instituto. Novas filmagens foram realizadas em 2017 por Clara Assenato e Álvaro Rosa Costa da apresentação no Teatro São Pedro, em Porto Alegre, e os dois editaram essa versão. Matheus Brant filmou a *Lecture-Performance* no espetáculo realizado no Teatro do SESC Piracicaba, em 2019. E a equipe do Teatro da Universidade de São Paulo (TUSP), durante o evento *II Ensaios Coreográficos* em outubro de 2019, filmou dois minutos de *Lecture-Performance* disponibilizado no link:

<https://www.facebook.com/teatrodauspoficial/videos/509676823143385/>.

A **edição dos vídeos** para o *clipping CAMINHOS*, de 2019, e a versão *Lecture-Video-Performance*, de 2020, é de Ü von Haus, nosso colaborador na parte de tecnologias visuais, ex-aluno do CAC e um dos integrantes mais antigos do LAPETT. Vídeos disponíveis em: <https://youtu.be/0WveF6DF2RU>; <https://youtu.be/LULw4t6YXBk>; <https://youtu.be/ZViPRjoMVWQ>.

Os **slides** apresentados na versão *Lecture-Performance* foram operados, nas diferentes apresentações, por Nadya Moretto, Danilo Silveira, Nina Ricci e Ametonyo Silva, integrantes do LAPETT.

As **fotos** foram clicadas por George Schreiber (1998), Nanah D’Luize (2017), João Maria Silva (2017), Vera Athayde (2017), Claudio Etges (2017), Arthur Kolbetz (2017), Nadya Moretto (2018), Nina Ricci (2018), Ametonyo Silva (2018 e 2019), Gustavo Góes (2019), Gláucia Pedroso (2019), Matheus Brant (2019) e Isabelle Collazo (2019).

Em 1998, George Schreiber entregou à coreógrafa aproximadamente 50 fotos clicadas por ele e que foram enviadas a um laboratório para revelação. Dessas fotos, 25 foram compradas por motivos diferentes. Em 2017, no primeiro ensaio com Luiza Banov no elenco, Nanah D’Luize fez aproximadamente 500 fotos, em formato digital, o que é muito comum na atualidade.

A pequena **produção relativa** à compra dos materiais para a cenografia, e durante os espetáculos na Alemanha em 1998, foi feita por Claudia Reiter, colaboradora em diferentes produções da coreógrafa.

O **tecido-renda** usado para confeccionar a túnica que faz parte do figurino de Sayonara Pereira foi um presente da sua mãe, Neusa Pereira, em 1997, data de uma visita da coreógrafa ao Brasil.

A criação do **cartaz e cartão postal** para a estreia de *CAMINHOS*, em 1998, é do desenhista gráfico Peter Ox. Na hora da escolha dos matizes de cores, na gráfica, Ox cometeu um erro. Então, o vermelho que domina todo o material gráfico da peça teve que ser trocado pelo rosa pink, para que o cartaz obtivesse um contraste visual que as cores vermelho e preto juntas não conseguiram trazer.

Referências

BANOV, Luiza. **Grafias da dança em deslocamento** – experiência, memória e transmissibilidade. São Paulo, 2020. Tese (Doutorado em Artes Cênicas), Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

BRANDSTETTER, Gabriele. Tanzen Zeigen. Lecture performance im Tanz seit den 1990er Jahren. *In*: Bischof, Margrit; Rosiny, Claudia (eds.). **Konzepte der Tanzkultur**. Wissen und Wege der Tanzforschung. Bielefeld: Transcript Verlag, p. 45–61, p.50, 2010.

KLEIN, Gabriele. Transmitir a Dança: legado e tradução das coreografias de Pina Bausch **Revista Brasileira dos Estudos da Presença**, Porto Alegre, v.8, n.3, p.393-420, Jul./Set. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/78975> . Acesso em: 20 out 2021.

JESCHKE, Claudia. Cãnone e Desejo: Sete Abordagens para Palestras/Performances Histórico-coreográficas. **Revista Sala Preta**, USP, São Paulo, v.12, n. 2, p.4-12. Dez.2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57482>. Acesso em: 20 out 2021.

PEREIRA, Sayonara. Corpos que esboçam memórias. *In*: 2º Encontro Nacional de Pesquisadores em Dança, ANDA, 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos**. Campinas: Galoá, 2011. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2011/papers/corpos-que-esbocam-memorias> . Acesso em: 20 out 2021.

PEREIRA, Sayonara; OLIVARES, Letícia (Org.). **Trajetórias em construção**: escritos cênicos dos pesquisadores do LAPETT – ECA-USP. Curitiba: Editora Prismas, 2016.

PEREIRA, Sayonara. Transmissibilidade(s): atualização do passado ao encontro de novos Caminho(s), 26. Seminário Nacional de Arte e Educação, Montenegro, RS: Editora da FUNDARTE, 2018.
PEREIRA, Sayonara; BANOV, Luiza. LECTURE-PERFORMANCE: encontrando novos rastros a partir da transmissão da peça CAMINHOS-1998. *In*: SANTOS, Daniel (Org.). **Corpo e diásporas performativas**. São Paulo: Paco Editorial, 2019. p. 309-322. ISBN: 978-85-462-1594-2.

PEREIRA, Sayonara. Entrevista. *In*: BANOV, Luiza. **Grafias da dança em deslocamento**: experiência, memória e transmissibilidade. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – ECA-USP. São Paulo, 2020. p. 65-75.

PEREIRA, Sayonara. **ENSAIOS**: das experiências com o LAPETT e outros rastros... Tese de Livre-Docência defendida na ECA-USP 2020.

Depoimentos

BANOV, Luiza. Depoimento ao longo dos ensaios em 2017.

DAL COL, Francisco Lima. Depoimento sobre a Palestra-Vídeo-Performance **CAMINHOS** na disciplina Metodologias de Pesquisa – PPGAC-ECA-USP, nov. 2020

LOURENÇO, Robson. Depoimento sobre a Palestra-Vídeo-Performance **CAMINHOS** no SID-18 jun. 2020. Mensagem recebida por sayopessen@gmail.com em 8 jun. 2020.



Luiza Banov: Doutora em Artes Cênicas pela ECA-USP. Mestre em artes pela UNICAMP e bacharel e licenciada pela mesma universidade. Aprofundou estudos em dança no Folkwang Tanzstudio, na Folkwang Universität der Künste, Alemanha, e na Limón Foundation, Estados Unidos. Pré-treinadora em GYROTONIC® e GYROKINESIS®. Coordena a linha de pesquisa Pé de Dança (pedagogia e antroposofia) na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM); integra o Laboratório de Pesquisa e Estudos em Tanz Theatralidades (LAPETT-ECA-USP) e dirige o Núcleo Dédalos de pesquisa de/em movimento, no qual investiga a dança, seus deslocamentos e multiplicidades. Interessada pelos caminhos do movimento como condutores criativos, somáticos e pedagógicos. E-mail: luizarfb@gmail.com

Sayonara Pereira: Professora livre-docente e pesquisadora de dança moderna e composição coreográfica na Universidade de São Paulo, onde dirige o grupo de pesquisas cênicas LAPETT-ECA-CNPq. Pós-doutorada pela Freie Universität Berlin, Alemanha, e pela UNICAMP, onde também concluiu o doutorado. É pedagoga em dança pela Hochschule Für Musik und Tanz-Köln, Alemanha. Foi aluna convidada pela coreógrafa Susanne Linke para estudar na Folkwang Hochschule-Essen, Alemanha, na época dirigida por Pina Bausch. Nesse país atuou como bailarina e coreógrafa durante 19 anos (1985-2004). Em 2020, foi professora visitante na Universität Hamburg UHH, Alemanha. Na cena independente brasileira, tem participado de projetos com o Núcleo Dédalos (Piracicaba), Nave Gris (São Paulo) e o Terpsí Teatro de Dança (Porto Alegre). E-mail: sayopereira@usp.br

